

1935

# Reinaldo Ferreira

por Fernando de Araújo Lima

Ziguezagueou célere, no Pôrto, a notícia da sua morte. Mas eu sorri, sorri ao lê-la nos «placards» sumários. Quantas vezes Reporter X declarava, olhos azues cheios de cintilações, na roda dos amigos:

— Um dia fecho-me em casa durante uma semana e transmito à imprensa esta nova: «acaba de falecer o jornalista Reinaldo Ferreira». Sempre quero ver o que dizem as gazetas!...

Mas a confirmação negra, gélida, apavorante, desabou inclemente.

Entro na «Brasileira». Uma voz chama-me. Volto-me. É o Cruz Caldas, artista do mais fino quilate sensitivo e um dos mais estranhos talentos da caricatura.

— Então o Reinaldo lá foi!... desfechou.

— É verdade. E com trinta e poucos anos apenas...

— Sim, mas estava mumificado. Um farrapo, uma sombra, um espectro!... almas truncadas!...

Calou-se. Olhou a rua ondeante de cabeças. E cutilando o nosso silêncio:

— Lembra-me agora um facto curiosíssimo da sua vida. Quere que lho conte?

— Ah, conte!...

— Aí por 1926... Espere... Sim deveria ser... 1926, encontrava-me com Félix Jorge, o Mário Ximenes e o Acácio Trigueiro, no «Café Avenida». Cerca da meia noite o Reinaldo surge-nos de rompante, fronte vinculada por duas rugas e o olhar inquietante.

Acerca-se:

— Precisava de 200\$00 para satisfazer uns compromissos.

Entreolhámo-nos. Nem centavo desgarrado nas nossas algibeiras. Houve uma pausa molesta.

Mas Félix propôs, inesperadamente:

Arranjo-te, num ápice, 250\$00, se escreveres aí, à nossa vista, uma novela.

— Sèriamente? interroga o Reinaldo, rosto de súbito iluminado por uma alegria irreprimível.

— Tenho uma só palavra.

Veio o papel. E enquanto o Félix Jorge saía do «Café» em cata da verba prometida, o nosso Homem rompeu em cavalgadas de tinta por sôbre o deserto árido do papel sem linhas.

Não parou nunca a rebuçar personagens ou a burilar uma frase, a procurar situações magnéticas ou a avivar um perfil delicado. A pena atingia velocidade incrível e o seu cérebro, ao rubro, deveria ser uma catadupa de ideias rojantes, variadas, fertilíssimas. Acabou extenuado. Félix Jorge regressava com o dinheiro certo.

O Reinaldo leu-nos então, ofegantemente, acentuando os *rr*, vitorioso e humilde, os línguados ennegrecidos de jacto.

Olhámo-nos boquiabertos e em silêncio, convencidos de que o Escritor tinha pacto secreto com Satanaz.

Sabe você como se chama a novela? *Impossível*.

— Conheço. Um rapaz que encontra tôdas as manhãs no omnibus uma freira linda e que, no fim, apaixonado e correspondido, sabe que ela é sua irmã.

— Exactamente. Pois essa noveia foi escrita: por aposta... e a correr.

Calámo-nos. A «Brasileira» era um oceano de



Caricatura inédita de Reinaldo Ferreira, por Cruz Caldas

gente rugidora. Discutia-se o último «placard» da guerra. Os primeiros jornais de Lisboa chegavam, freneticamente apregoados.

E eu ia, triste, acendendo no coração os lampadários votivos, a esse espírito singular de escritor e jornalista que venceu a glória, a emoção, a própria alma e a morfina, mas que rolou alfin, gan-grenado por desgostos passados, na bocarra inson-dável da morte...

Inventario 189